**Desagregação**

Há muito se vinha falando do Brexit e teremos pelo menos mais dois anos para continuar a falar. Mas não há tempo como o presente – diz o ditado – e até sobretudo quando o presente é de confirmação dos receios que o Brexit vinha suscitando e de início do debate sobre como se concretizará agora que está aprovado.

Muito resumidamente – tão resumidamente que quase falseia a questão – o impacto mais grave do Brexit que se vem temendo é o da desagregação da União Europeia. É o princípio do fim da União Europeia tal como a conhecemos – foi dito justificadamente porque as consequências serão demasiado importantes para se poder manter tudo na mesma.

Se nos quisermos fixar neste título, não obstante o seu simplicismo perante a complexidade da situação, comecemos por nos focar onde na desagregação está já a acontecer e onde, afinal, tinha sido negligenciada até agora: no Reino Unido.

É efectivamente no Reino Unido que a desagregação é real, evidenciando-se a diversos níveis. O mais marcante é o que se reporta à Escócia. Esta votou pela permanência na UE. Aliás, aquando do seu recente referendo sobre a sua eventual independência, um dos argumentos que pesou na continuidade da Escócia no Reino foi precisamente a sua integração na UE que agora lhe é retirada. A Primeira-ministra escocesa, por palavras e acções, já tornou clara e inequívoca a linha política que a Escócia vai seguir nesta matéria, querendo permanecer na UE. A Irlanda aguarda…, mas também votou pela permanência; e o País de Gales, que votou pela saída, não deixará de querer as mesmas regalias que, neste contexto político, vierem a ser concedidas à Escócia e à Irlanda. E como se toda esta convulsão interna iminente não fosse suficiente, ainda temos o desencadear de várias iniciativas por parte de defensores da permanência que alimentam um espírito secessionista como seja a de instituição de um futuro estatuto especial para Londres cuja população votou esmagadoramente a favor da permanência.

Desagregação igualmente o que se verifica no sistema político inglês, a nível governamental, parlamentar e partidário. O Primeiro-Ministro David Cameron demitiu-se e quem internamente o desafiou e pugnou pelo Brexit – Boris Johnson – não teve condições para avançar. Outros candidatos se perfilam para evitar eleições e assim o prolongamento do impasse de um Estado que quer deixar de ser membro da União Europeia mas que não o comunicou formalmente às instâncias europeias. A luta está acesa no seio do Partido Conservador. Pelo lado dos Trabalhistas, a deterioração interna é também evidente. O seu líder, Jeremy Corbyn, nunca assumiu cabalmente a defesa pela permanência na UE, como se lhe fosse possível “passar pelos pingos da chuva” qualquer que fosse o resultado do referendo. Entretanto, já foi sujeito a uma moção de confiança interna que perdeu com 172 dos seus deputados a votarem contra e apenas 40 a favor…

Desagregação também na sociedade inglesa que ficou profundamente dividida por uma campanha eleitoral prolongada e emotiva (manchada pelo assassinato da deputada Jo Cox), carecendo de um líder e de uma causa que reúna os cidadãos sem, todavia possuir um ou outra. De facto, o sentimento mais forte é de inconformismo com assinaturas em catadupa (3 milhões em cerca de 4 dias) a dilatarem os números dos que alimentam a esperança de um novo referendo…

Desagregação ainda no eclodir e multiplicar de manifestações xenófobas e racistas que separa concidadãos, vizinhos e amigos de forma injusta e cruel.

Já não é só a opção do Reino Unido sair da União Europeia que terá impacto numa eventual desagregação da Europa; hoje é sobretudo o modo como o Reino Unido gerir as ameaças à sua desagregação interna que influenciará a eventual, mas remota, desagregação da Europa…

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)